

Nômades:

as práticas errantes
no ensino, na pesquisa e
na extensão em arquitetura
e urbanismo – por um
(re) conhecimento urbano

Evandro Fiorin*

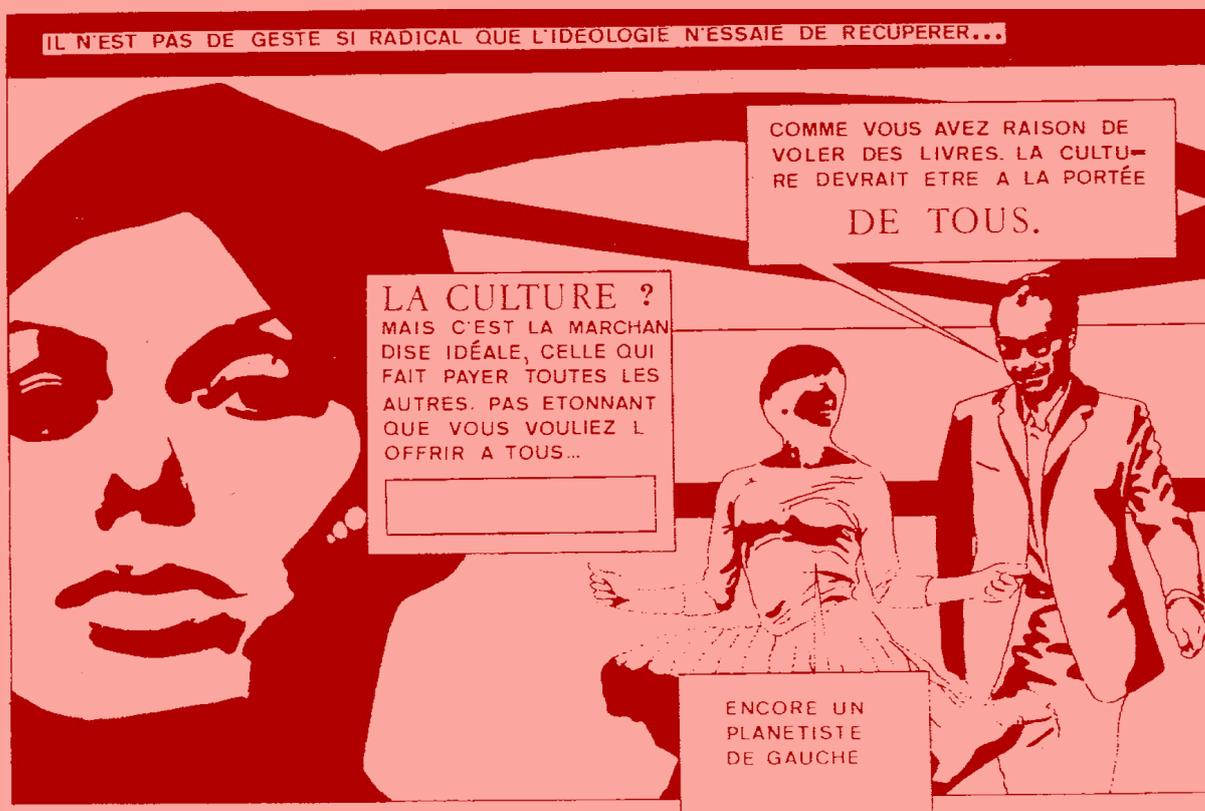


Figura da página anterior:

Comics par réalisation directe (texte de Raoul Vaneigem, images d'André Bertrand - 1967). Fonte: Boletim n.11 da Internacional Situacionista, p.34. (Imagem acrescentada pela Revista Risco ao presente artigo)

Resumo Este artigo apresenta reflexões de ações acadêmicas para atualizar o legado de artistas e arquitetos em suas práticas errantes. Se justifica pelo desejo de evidenciar a importância de vivenciar a cidade em suas experiências, para uma educação do arquiteto e dos futuros professores de arquitetura, que possa propiciar um maior contato com os cidadãos. Busca discutir as práticas errantes como as estratégias metodológicas capazes de promover um reencontro com a cidade, nos processos de formação, assim como, nas suas várias possibilidades de atualização na pesquisa e na extensão. Um esforço que tenta assimilar as deambulações, as derivas e a prática do caminhar, no ensino de graduação e de pós-graduação, em contextos citadinos bastante diversos, rumo a um (re) conhecimento urbano.

Palavras-chave: práticas errantes, ensino, pesquisa e extensão.

Nómadas: las prácticas errantes en la enseñanza, en la investigación y en la extensión en arquitectura y urbanismo – hacia un (re) conocimiento urbano

Resumen Este artículo presenta reflexiones de acciones académicas para actualizar el legado de artistas y arquitectos en sus prácticas errantes. Se justifica por el deseo de resaltar la importancia de experimentar la ciudad en sus experiencias, para una educación del arquitecto y futuros maestros de arquitectura, para proporcionar un mayor contacto con los ciudadanos. Queremos discutir las prácticas errantes, como las estrategias metodológicas capaces de promover un reencuentro con la ciudad, en los procesos de capacitación, así como, en sus posibilidades de aplicación en investigación y extensión. Un esfuerzo que intenta asimilar los vagabundeos, las derivas y la práctica de caminar, en la educación de pregrado y posgrado, en contextos muy diferentes de la ciudad, hacia un (re) conocimiento urbano.

Palabras clave: prácticas errantes, enseñanza, investigación y extensión.

Nomads: the wandering practices in teaching, research and extension in architecture and urbanism – towards an urban (re) cognition

Abstract This paper presents reflections of academic actions to update the legacy of artists and architects in their wandering practices. It is justified by the desire to highlight the importance of experiencing the city in their experiences, by an education of the architect and future architecture teachers, which can provide greater contact with citizens. Discuss the errant practices as methodological strategies capable of promoting a reencounter with the city, in the training processes, as well as their possibilities of application in research and extension. An effort that tries to assimilate the wanderings, drifts and the practice of walking, in undergraduate and graduate education, in very different city contexts, towards an urban (re) cognition.

Keywords: wandering practices, teaching, research and extension.

Este artigo busca atualizar o legado de artistas e arquitetos em suas práticas errantes. Tem como preconização dar maior relevância para o papel que a vivência dos futuros arquitetos e professores devem ter, mediante suas experiências na cidade e junto com seus cidadãos. Foi pensado em um momento de uma escalada de propostas de novos cursos e atividades à distância em arquitetura e urbanismo, agora, ainda mais agravada pelas circunstâncias de uma necessidade de distanciamento social, imposto para evitar a propagação do vírus da SARS-Covid-19.

Sendo assim, se uma conjuntura pessimista do mundo pós-pandemia, poderia resultar em um maior encastelamento urbano, vamos ao encontro de um ponto de vista mais otimista. Logo, se, em caráter excepcional, as determinações do Ministério da Educação apontam, quando possível, para a substituição de disciplinas presenciais, por aulas que utilizem meios de tecnologias de informação e comunicação, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo, recomenda que as práticas profissionais não sejam adaptadas ao formato EAD – Educação à Distância – uma ideia que compartilhamos, como maneira de garantir a qualidade do ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Deste modo, problematizamos o processo de ensino e aprendizagem de projeto para recuperar aqui, a partir de algumas ações acadêmicas realizadas anteriormente, em um contexto paulista, as experiências que vão ao encontro da cidade, da paisagem e do território, desenvolvidas nos cursos de graduação e pós-graduação em arquitetura e urbanismo que fazemos parte, em solo catarinense. Elas incorporam, também, o âmbito da pesquisa (em algumas capitais de outros estados do país), especialmente, àquelas realizadas pelos membros do *Grupo de Pesquisa de Projeto, Patrimônio, Percepção e Paisagem*; além da atividade de extensão, junto com outros integrantes – esta realizada no centro histórico de Florianópolis.

Nesse sentido, temos como objetivo explicitar uma proposta de contaminação do Ateliê de Projeto com o ambiente urbano, diante da difícil tarefa de descrever as conformações urbanas contemporâneas; e, também, discutir as práticas errantes, como as estratégias metodológicas capazes de promover um reencontro com a cidade, diante dos processos de formação de estudantes de graduação e pós-graduação, bem como, possibilidades de atualização desse repertório, no âmbito da pesquisa e da extensão.

Como resultados, apresentamos os esforços que tentam assimilar as deambulações, as derivas e a prática do caminhar no ensino, principalmente, tendo como preconização a realização de percursos, que permitam experiências no espaço urbano e vivências na cidade, aproximando os alunos da graduação, das pessoas que perambulam e habitam diferentes territórios. Além disso, explicitamos essa estimulação aos pós-graduandos, quando da realização dos levantamentos e análises urbanas, mesmo que, em contextos citadinos, por vezes, perigosos para mais desatentos, tais como: antigos leitos férreos, centros históricos e áreas portuárias deterioradas, baixios de pontes e viadutos, as comunidades controladas nos morros, arquiteturas abandonadas, dentre outros lugares à margem.

* Evandro Fiorin é Arquiteto e Urbanista, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-6556-1461>>.

Uma preocupação aqui também exposta é um reencontro com a cidade por parte das crianças, sobretudo, nos trabalhos realizados na extensão universitária. Por meio deles, buscamos estimular, desde cedo, que os “pequenos arquitetos” possam viver a cidade desacompanhados dos pais, tirando o medo dos lugares urbanos, que lhes é inculcado. Sendo assim, essas discussões podem propiciar considerações para acionar um projeto de restauração do ofício do arquiteto, mais sensível às mudanças do nosso tempo, às novas agendas, desde ambientais até tecnológicas e respeitando as alteridades, rumo a um (re) conhecimento urbano.

Problematizando o processo de ensino e aprendizagem

Tradicionalmente, o Ateliê de Projeto tem sido entendido como mediador dos conteúdos das outras disciplinas nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo. Um lugar onde se busca por relações interdisciplinares para aprofundar o conhecimento. Entretanto, hoje em dia, para além disso, o Ateliê de Projeto precisa ser capaz de criar ferramentas para que esse intercâmbio possa acontecer não apenas na cabeça do estudante, mas em uma prática que se produza, cada vez mais, como transdisciplinar. Inclusive, a descoberta do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, não como um caráter disciplinar, mas como um espaço da transposição dos limites, cujo fazer se transforma o tempo todo e o conjunto de saberes deve ser sempre relacional, diante dos outros campos de atuação. Nessa compreensão, a complexidade do ensino e aprendizagem de projeto de arquitetura e urbanismo deve rumar para indagar sobre o próprio sentido da atividade projetiva e o seu processo de raciocínio (FERRARA, 2002, p. 106).

Nos primeiros semestres dos cursos de Arquitetura e Urbanismo lidamos diretamente com os alunos recém-saídos do Ensino Médio e, assim, acreditamos que uma maneira de fazer com que este estudante conquiste sua autonomia, se afastando dos códigos e dos valores pré-estabelecidos, seja através de uma inteligibilidade do espaço. Uma tática que atrita o senso comum, dando relevo ao espírito crítico, estimulando um saber discriminar o que é excessivamente óbvio, do que pode ser objeto de conhecimento na prática projetual; ou seja, uma busca pelas relações onde, aparentemente, elas não estariam. Esse procedimento analógico pode ser incitado nos Ateliês de Projeto, através de uma frequência urbana. Sair de encontro com a cidade, como um *modus operandi* para ampliar a faculdade de discernir as suas imagens e os seus significados e, então, apreender a combiná-los de maneiras inusitadas para, talvez, revelar as suas ligações estruturais (VALÉRY, 1998, p. 23).

Ir a campo, como uma modalidade pedagógica, faz com que o aluno apreenda o sentido de interdependência que deve estar implícito no feitiço de qualquer projeto de arquitetura e urbanismo. Isto porque, já não se pode mais, simplesmente, separar a arquitetura da cidade, a cidade da paisagem e a paisagem do território. No último século, o processo de urbanização fez ruir os tradicionais limites entre o rural e o urbano e, também, levou consigo a capacidade de discernimento daquela cidade como coisa limitada e contida, com forma coesa e contínua, tornando-a desconfinada, difusa e tão fragmentada. Desde então, princípios da Carta de Atenas (LE CORBUSIER, 1993) e os preceitos de um desenho universal têm sido constantemente rediscutidos, já que o plano foi, paulatinamente, retorcido, corrugado e dobrado e o ponto no mapa passou a ser mancha (DOMINGUES, 2009, p. 13).

A partir da década de 1960, aumentou o coro de arquitetos desconfiados dessa lógica racionalista para a construção positivista da cidade, baseada em códigos determinantes. O arquiteto e urbanista Carlos Nelson Ferreira dos Santos, foi um desses pensadores que, apesar da curta trajetória acadêmica, acreditava ser ingênuo continuar a reproduzir uma cidade tal como Brasília, projetada com excessivo rigor nos usos e nas formas de ocupação pela população, descartando a ideia de cidade como organismo vivo, diante das variantes fenomenológicas do espaço (SANTOS, 1980, p. 15).

Com o recrudescimento do regime militar no Brasil e o exílio dos grandes mestres, a chamada Escola Paulista e o seu prédio – com o vão livre e o ateliê sem paredes, como seus grandes signos libertários –, têm o seu modelo utópico interrompido. No berço dos ensinamentos de Vilanova Artigas – onde o professor de projeto era o bom arquiteto, geralmente formado pela práxis modernista –, o processo de ensino e aprendizagem baseado na simulação do exercício profissional, com vistas para o desenvolvimento social e o progresso do país, vai perdendo força. Assim, pouco a pouco, a revolução pelo desenho foi sendo substituída pelo não-desenho. Nos anos 1970, o ato de projetar passou a ser uma atividade penosa, mediante injunções externas ao arquiteto e à própria arquitetura. Isto, possivelmente devido: às grandes restrições aos programas socialmente antes relevantes; e, principalmente, às relações heterônomas que a própria construção da capital federal deflagrou entre o canteiro e o desenho (SANT’ANNA, 1991, p. 55).

Com o processo de reabertura democrática, o realismo dos programas passou a fazer parte da pauta dos Ateliês de Projeto nas escolas. Geralmente o tempo do planejamento – dos levantamentos e das análises urbanas –, se sobrepunha ao ato projetivo em si (e este, acontecia em separado, dentro da sala de aula). No período que se segue, uma figura proeminente virá à tona: a do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Notadamente, mediante o reconhecimento da sua obra e influência que exercerá no ensino dos jovens arquitetos, acalentará um novo tipo de trabalho conjunto com os seus discípulos, com um especial interesse pela cidade, resultando na organização de equipes colaborativas premiadas (FIORIN, 2012, p. 132).

Esta outra configuração se soma a uma nova realidade, ainda em construção, mediante a chegada de novos educadores, formados pelos cursos de pós-graduação e engajados nos laboratórios e grupos de pesquisa, oriundos das atividades dos centros acadêmicos e escritórios-modelo, criados dentro das universidades brasileiras. Estes profissionais do ensino, se comportam mais como aprendizes e parceiros de projeto, do que como mestres. Para muitos, a prestação de serviços deve ser compromisso do que se aprende na escola, além da necessidade de ampliação do contato com a população. Sem o peso da promessa de mudança de um país por meio da arquitetura, o projeto pode ser agora entendido como “processo”, que se vincula a uma pesquisa e pode vir a solucionar uma demanda social. Então, mais do que o resultado acabado, se constrói por muitas mãos, como um trabalho colaborativo. Assim, o Ateliê de Projeto pode se desconectar das antigas hierarquias, daquele professor que ensina e do aluno que aprende, ganhando os seus novos contornos, em conexão com os grupos de pesquisa, pós-graduandos e com os projetos de extensão (VELOSO; ELALI, 2003, p. 100).

Num momento em que vivemos profundas transformações sociais e espaciais, devemos estimular um ensino aberto a outras percepções das conformações urbanas, as

quais fujam do padrão, interrogando uma complexidade da cidade e convidando a criação de projetos que recusem os desenhos prontos, procurando dar novo fôlego à importância da experiência urbana, em suas leituras e, em intervenções, que ampliem o escopo das vivências espaciais e o contato com os “outros”, abonando as ideias em que frutifiquem: a subjetividade, a alteridade, a etnografia, a memória, a história e a cultura do espaço (JACQUES; BRITTO; DRUMMOND, 2015) e o respeito aos seus diferentes habitantes.

As pesquisas dos integrantes do “Laboratório Urbano: experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea”, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual da Bahia, no qual a Professora Paola Berenstein Jacques é a coordenadora geral, nos dão algumas pistas para esse encaminhamento, bem como, os trabalhos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, realizados pelo Professor Eduardo Rocha, no Grupo de Pesquisa “Cidade+Contemporaneidade”, da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Isto porque, ambos comungam das ideias ou confluem para um encontro com muitas premissas do Professor Francesco Careri – líder do Grupo Stalker, da Università degli Studi Roma Tre, da Itália –, pelo qual, assumimos, também, ter uma grande convergência¹.

¹ A partir de uma conversa informal que tivemos com o arquiteto e professor Francesco Careri, em janeiro de 2020, na Università Degli Studi Roma Tre, na cidade de Roma, na Itália, ficou claro que sua preocupação é fazer conhecer, sobretudo, aos estudantes, mas, também, aos cidadãos, as realidades da cidade, estranhas às rotinas cotidianas – uma ideia que partilhamos.

Sendo assim, como uma parte importante do entendimento do projeto como “processo”, tendo em vista às mudanças recentes na compreensão das conformações urbanas e a necessidade de se privilegiar as estratégias metodológicas que tragam consigo uma maior vivência da cidade e aproximação com os seus cidadãos, tanto no ensino, como na pesquisa e extensão, buscamos construir uma modalidade de diálogo com o curso de Artes Cívicas do arquiteto italiano, de maneira a repensar o ensino e a aprendizagem de projeto em arquitetura e urbanismo.

Artes Cívicas é o curso que eu teria gostado de frequentar quando estudante; a deambulação como metodologia de pesquisa e de didática; a experimentação direta da arte da descoberta e da transformação poética e política dos lugares. A universidade nômade tantas vezes sonhada e perseguida com Stalker. (CARERI, 2015)

Consideramos que, trazer à tona essas experiências no processo de ensino, pesquisa e extensão em arquitetura e urbanismo pode abrir caminhos para outras possibilidades de pensar e projetar nas cidades. Tal como fizemos em momentos anteriores, quando nossos alunos de arquitetura e urbanismo realizavam suas errâncias em determinados contextos, se deixando levar pelas solicitações do terreno, guiados pelas sensações e pela atmosfera do lugar, na busca de um encontro com os “outros”, por entre os antigos leitos férreos das cidades do interior paulista (FIORIN, 2017). Uma prática que foi apropriada pelo Ateliê de Projeto de uma maneira experimental: na medida em que os nossos alunos eram impelidos a caminhar na cidade, para promover suas descobertas projetuais; tão logo, produziam diagramas pelo meio do caminho, em um ato projetivo em movimento, possibilitando novas formas de percepção e intervenção (HIRAO; FIORIN, 2018).

Os resultados destes trabalhos em diferentes cidades do interior paulista que tiveram as deambulações, as derivas e o caminhar como prática estética como suas estratégias metodológicas para incursão em áreas deterioradas, já foram reunidos em um livro (FIORIN, 2018). Assim como, as práticas pedagógicas subsequentes, tendo ampliado o

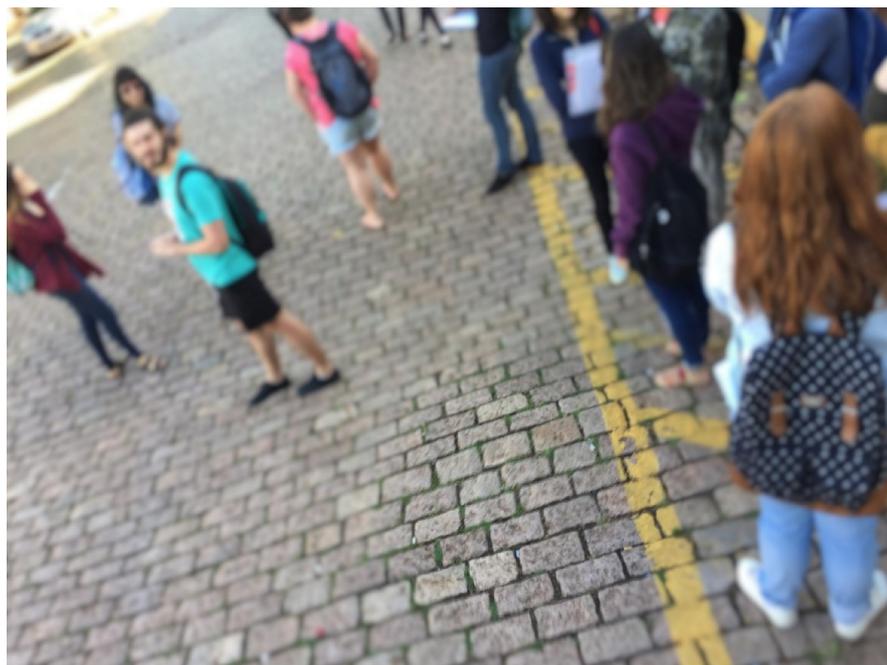
seu debate em um seminário que originou um *e-book* sobre as cartografias da cidade (FIORIN; HIRAO 2019).

Essa experiência redundou na adoção de um processo de ensino e aprendizagem fora do ateliê para os alunos da graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Assimilando procedimentos utilizados para inserir os alunos no âmago da discussão acerca do projeto de arquitetura e urbanismo nos dias atuais, propõe incursões peatonais nas escalas: urbana, da paisagem e do território insular e continental da capital catarinense. Assim, os três exercícios projetuais sugeridos para uma disciplina introdutória, integrante da grade curricular da referida universidade, são baseados em percursos, por meio da experimentação metodológica do curso romano, no contexto urbano florianopolitano (FIORIN; SCHWERZ, 2020).

Esse sentido foi balizado por um projeto de pesquisa, que reforça o viés da percepção ambiental, utilizando um instrumental, que nos conduz para uma leitura dinâmica das narrativas urbanas. Tem como a sua estratégia, o caminhar como prática estética, que também, mantém vinculação teórica com os escritos de Francesco Careri. Além disso, é uma maneira de produzir novos olhares, que aqui se valem, fundamentalmente, da fenomenologia, da semiótica e do método da cartografia, apresentando, então, como alguns resultados de nossas andanças, relatos de vivências e cartogramas de contextos singulares, tais como: uma investigação dos lugares à margem de Florianópolis (FIORIN, 2021).

Figura 1: Uma prática errante junto com estudantes da Universidade Estadual Paulista, no interior de São Paulo. Fonte: Autor, 2017.

Desta maneira, os trabalhos do grupo de pesquisa e extensão em que atuamos vêm contribuir para uma percepção libertária da cidade/ da paisagem/ e do território. Assim, o ensino de graduação e pós-graduação em arquitetura e urbanismo que



acreditamos passar a ter um lastro científico-pedagógico para ir se transformando em um lócus da abertura de possibilidades: um ateliê e reuniões de estudo sem as antigas hierarquias, bem como, o privilégio da rua como sala de aula. Essa estrutura tem o papel de facilitar a maior participação desse estudante em formação, no seu meio circundante, em busca de um encontro com os “outros” e consigo mesmo, numa tomada de consciência sobre o seu lugar no mundo, agora vivenciado por sua experiência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03).

Em uma compreensão onde a linearidade nos escapa, o que apresentamos aqui são apenas algumas reflexões que problematizam o processo de ensino e aprendizagem em arquitetura e urbanismo, de maneira a atualizar o legado dos artistas e arquitetos errantes, mediante as atividades acadêmicas que desenvolvemos na Universidade Federal de Santa Catarina. As práticas errantes são as estratégias metodológicas que vão ao encontro de uma contaminação do Ateliê de Projeto com o ambiente urbano, diante da difícil tarefa de descrever as conformações urbanas contemporâneas, para que nelas possamos intervir. Um esforço que perpassa pelo ensino de graduação e pós-graduação; também, pela pesquisa em contextos urbanos diversos, inclusive, em outros estados brasileiros; e pelos seus possíveis rebatimentos na extensão, sempre buscando uma compreensão diagramática (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 25).

O pensamento diagramático foi sistematizado por Charles Sanders Peirce, considerado o “pai” da semiótica – a ciência que estuda as linguagens. Posteriormente, foi utilizado por Michel Foucault e, recentemente, apropriado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. O mais importante aqui não é ressaltar a gênese do diagrama, nem mesmo sua validade ou aplicação. O que nos interessa é colocar em pauta sua forma de raciocínio, por meio de sistemas abertos e muito mais inclusivos, pois cada projeto precisa inventar os seus próprios diagramas; assim como o movimento moderno inventou – embora, sua maioria, tenha sido propagada como modelos deterministas a serem seguidos. Apesar disso, a inteligência diagramática segue sendo capaz de captar as idas e vindas das sinapses cerebrais para a produção do conhecimento. Ela propicia a geração de mapas mentais com múltiplos acessos e ou cartografias que coexistem no campo espacial e social e, assim, ativa sensores ambientais e apaga clichês, para produzir a informação nova (PEIRCE, 1978).

Nesta proposição estimula-se que cada um de nós possa trilhar o seu próprio caminho para a produção do conhecimento, contando que se balize muito mais pela experiência do fazer, do que por uma imposição de um saber. Um modo pelo qual, a construção de repertório esteja muito mais próxima das experiências vividas e desejos daqueles que frequentam os espaços, como assim sugerem as narrativas dos artistas errantes, dos situacionistas, até as falas mais recentes do caminhar como prática estética. De tal sorte, o processo de pesquisa e de ensino e aprendizagem de projeto em arquitetura e urbanismo pode ir sendo alargado de sentido. Aberto à cidade e permeável as novas narrativas urbanas, o projeto pode acontecer junto da comunidade, em uma conversa em cima do morro, por meio de rabiscos colaborativos em um grande pedaço de papel. Sem o compromisso com a edição da prancha da entrega final, o ato projetivo passa a estar mais atento ao trabalho etnográfico (COSTA, 2010, p. 38) assim como, a pesquisa e a extensão – esta que pode tomar para si, o lugar de destaque nesse contexto.

Nessa lógica da rua como sala de aula, temos como nosso desafio a experimentação do espaço. Uma modalidade que agencia algumas lições do curso Artes Cívicas, para um reconhecimento urbano estético e experiencial – o qual, finalmente, poderia ativar o olhar poético sobre a nossa realidade de contrastes e nos levar para uma redescoberta do nosso lugar político na cidade atual. E assim, talvez, servir para nos reconectar com o sentido existencial da arquitetura e urbanismo, na sua íntima ligação com as pessoas. Seja pelo estreitamento de relações com representantes comunitários, ou mesmo, pela maior aproximação com os atores sociais e a população em geral. Logo, nas práticas errantes como estratégias metodológicas para o processo de ensino e aprendizagem em arquitetura e urbanismo, estudantes e professores podem vivenciar erros e acertos, de forma a convidar, também, quem passe para colaborar ativamente na construção da cidade, tomando parte da história de cada um, porque, deste modo, nos tornamos agora, os protagonistas de um fazer-saber (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 18).

As Práticas Errantes como estratégias metodológicas

O exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, por meio de excursões para lugares desconhecidos e desinteressantes, se revelaram no passado, como atitudes para descobrir novas práticas artísticas, pelas vanguardas europeias. Assim, as deambulações eram uma alternativa de apreensão da cidade, da paisagem e do território (RICHTER, 1993, p. 257), de maneira a destituir o olhar habitual ou, turístico.

De certo modo, a viagem também foi uma prática para educação do arquiteto moderno. Os cadernos de desenhos e anotações de um Le Corbusier viajante, podem caracterizar esse sentido (SANTOS; MAGALHÃES, 2011). Entretanto, os croquis produzidos nas incursões do mestre moderno pela América Latina, também revelavam um viés colonizador. Independentemente da cultura local, induziam ao espírito novo, racionalizando e produzindo um choque na paisagem; seja nos cinco arranha-céus de 200 metros de altura que projetara para Buenos Aires ou, na imensa autoestrada, cujo traço cortava a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, com os seus dez andares duplos de moradias (LE CORBUSIER, 2004, p. 236).

De outra maneira, as expedições do arquiteto brasileiro Flávio de Carvalho, pelo interior do Brasil, tinham como pressuposto um mergulho no território, de maneira a desvendar suas peculiaridades (JACQUES, 2012). Diferentemente do olhar do viajante, carregava consigo um sentido de pesquisa de cunho etnográfico, buscando tomar parte do contexto, para trazer à luz a cultura do lugar.

Essa evidência também aparece nas experiências de descoberta de Hélio Oiticica. Nas suas errâncias por entre os morros e as favelas da cidade do Rio de Janeiro, em *Delirium Ambulatorium*, procurava pelos ambientes desprovidos de moralismo e intelectualismo, recolhendo índices dos espaços para constituir vivências capazes de produzir as suas obras artísticas, cuja possibilidade de participação do indivíduo poderia fazer-ver, de uma perspectiva poética, mas também política, alguns dos bruscos contrastes sociais, ainda presentes na sociedade brasileira (DOS ANJOS, 2012).

Involuntariamente, a experiência errática desse artista tropicalista encontraria paralelos nos modos de percepção urbana que seriam utilizados pelos artistas situacionistas

européus, na chamada psicogeografia. Nas ações descritas por Guy Debord, o sentido clássico de passeio ou viagem seria subvertido. A partir de então, a apreensão da cidade moderna adquiria importantes mudanças, que atuavam diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos. Na deriva, uma cidade ortogonal e racionalista poderia ser revelada menos pelos seus eixos e mais por um entrecruzamento dos seus caminhos, entradas e saídas, em representações que descortinariam uma geografia explodida, agora composta por seus cacós e fragmentos – labirintos que possibilitavam uma outra inteligência sobre o espaço moderno e, sobretudo, novas descobertas (DEBORD, 1958).

Para atualizar esse sentido, o arquiteto Francesco Careri defenderá a ideia do caminhar como prática estética.² Em sua transurbância pelos lugares ermos e afastados da cidade de Roma irá demonstrar como a errância se constrói como potente instrumento cognitivo e projetual para desvelar dinâmicas ocultas, diante do estado de coisas cambiantes que caracteriza as conformações urbanas contemporâneas. Para este italiano, a experiência do caminhar pela urbe torna possível a reflexão crítica, porque aguça os nossos sentidos e proporciona um encontro com os “outros”, abrindo o caminho para uma aventura do conhecimento sobre o território, antes de projetá-lo ou preenchê-lo com coisas (CARERI, 2013a, p. 32).

Muitas pessoas têm deixado de caminhar por medo dos “outros” e da cidade. Arquitetos terminam o seu curso de graduação sem ter tido qualquer contato com algumas áreas urbanas, especialmente por conta do risco que possam correr; sem mencionar os novos cursos de ensino à distância, os quais, em sua maioria, dificultam um aprofundamento da interação com a cidade. Esse é um problema grave que perpassa pela qualidade do ensino e formação dos novos profissionais, mas sobretudo, pela falta de reflexão sobre qual espaço público nós temos, qual queremos e/ou podemos ainda lutar para construir. Nesse sentido, compartilhamos da ideia de que, o ato de errar pela cidade deve ser considerado um valor, e não um erro. Na prática da errância, a experiência do percurso desperta um aprendizado sobre os lugares e ajuda na compreensão dos significados sobre a realidade que se descortina nos contextos latino-americanos, onde, a prática do “*caminhar significa enfrentar muitos medos*” (CARERI, 2013b, p. 170).

O mais curioso é que a etimologia latina da palavra território, derivada do grego antigo, vem de *térreo*, ter medo ou, sentir terror. Sendo assim, antigamente, o que estava para além da cidade cercada por suas muralhas era um vasto *territorium* desconhecido. No entanto, hoje em dia, esta cidade delimitada como conhecíamos já não existe mais, porque, agora, as conformações urbanas se distendem por toda a parte e temos que nos aventurar por ela em nosso dia-a-dia, mesmo a contragosto. Muito embora, muros ainda são erguidos em virtude da violência, ou como as marcas da segregação em pequenas e grandes cidades, além dos cerramentos invisíveis em áreas controladas por milícias, ou tráfico de drogas – zonas onde, quiçá, não seja tão conveniente aparecer sem aviso prévio (CARERI, 2017, p. 85).

Mesmo assim, as nossas incursões aos espaços urbanos não sacralizados das cidades brasileiras são importantes para desnaturalizar um estado de coisas e destituir os pré-conceitos. Trajetos que não sejam mais balizados por um olhar turístico são úteis aos alunos de arquitetura e urbanismo na medida em que permitam uma apreensão individualizada da realidade. Porém, não se trata de evocar uma pedagogia que instaure a visita guiada às nossas mazelas urbanas como uma forma de redenção. Nem

²A prática de *andare a zonzo*, do italiano: “vagar sem objetivo”, utilizada por Francesco Careri, retoma o sentido do caminhar do *flâneur* e as ideias da deriva de Guy Debord na cidade moderna, para configurar o conceito de transurbância, já que a caminhada nas conformações urbanas contemporâneas prescinde das antigas noções de localização, pois, pelo meio do caminho, nossos pés encontram fragmentos de cidade, zonas desoladas e não construídas. Assim, sob essa nova condição urbana, caso nos pecamos nesse trajeto, não saberemos nos dirigir nem a um fora, nem a um dentro, já que há, múltiplas entradas e saídas.



Figura 2: Uma prática errante junto com estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, em São Paulo-SP. Fonte: Autor, 2019.

mesmo, a ilusão de um passeio por uma determinada comunidade carente, cujo risco poderia ser controlado ou reduzido a uma visão totalizadora imposta pelo professor. Nas cidades somos todos nômades e cada um de nós deve gozar de autonomia para construir os próprios itinerários pelos “territórios indefinidos” (CACCIARI, 2010, p. 52).

Nesse sentido é preciso superar o sentido educativo, dentro e fora do Ateliê de Projeto, mas, também, no âmbito da pesquisa em arquitetura e urbanismo. Uma busca que se balize pelo fazer empírico, em que o pesquisador vai ao encontro do cotidiano da cidade, ao mesmo tempo em que se coloca dentro das exigências locais e particulares de uma ciência que é sempre nômade. Uma estratégia que não se resigne ao encarceramento, mas, ao contrário, esteja aberta à possibilidade de ativar um saber, mediante um fazer-ver, através de uma realidade que precisa ser descortinada. Experiência fora de lugar, longe de um ambiente controlado e de temporalidades pré-determinadas, que colabore para desvelar uma dimensão singular (ARAÚJO, 2012, p. 46).

Dessa maneira, as práticas errantes como nossas estratégias metodológicas tendem a desmentir toda imagem arquitetônica e urbana decantada, nos auxiliando na criação de pontes para o conhecimento pela subjetivação e alteridade, no sentido da construção de uma cidade menos espetacular e mais inclusiva, criativa e experimental. De tal sorte, a busca por um senso operativo, radicado na experiência, tende a suscitar, um outro tipo de raciocínio sobre os espaços da cidade atual implicando, assim, um pensamento nômade (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 167); aquele capaz de assimilar e permitir transformações e reviravoltas, advindas de um processo de experimentação.

Resultados e Discussões no ensino, na pesquisa e na extensão

Na busca de uma maior abertura, para cognição e projeção dos espaços moventes das conformações urbanas contemporâneas, nos propusemos a realizar um outro tipo de experiência no processo de ensino e aprendizagem de projeto. Uma pedagogia que supunha assimilar como conceito, a frequência de alguns espaços emblemáticos da Ilha de Santa Catarina, para produzir alguns significados a partir deles. Essa proposição foi aplicada, inicialmente, àqueles estudantes de arquitetura e urbanismo dos primeiros semestres, de modo que estes pudessem caminhar na direção de uma experimentação projetual. Desta forma, o Ateliê de Projeto buscou as práticas errantes como estratégias metodológicas para um mergulho na realidade da Grande Florianópolis, de maneira a possibilitar uma comunicação poética sobre a cidade (PIGNATARI, 1987).

Essa experiência tentou conectar teoria e prática em aulas abertas, as quais, em muitos momentos, aconteceram pelo meio da rua. Voltadas para realização de leituras urbanas, a criação de diagramas, a construção de experiências sensoriais, mapas, montagens e maquetes (utilizando alguns materiais disponíveis ou reciclados), pretendiam contribuir para uma inteligência cidadina e, principalmente, para a execução de exames projetivos. Essas ações se processaram de um modo não-linear, acontecendo a qualquer tempo, inclusive nas saídas a campo, sob uma didática do caminhar, sempre embasada por um senso de estranhamento (BENJAMIN, 1921).

Desta maneira, encorajávamos a criação dos diários de diagramas para um relato dos espaços. Eles serviram para imprimir algumas ideias para concepção de mapas com múltiplas entradas e saídas, montagens e desmontagens dinâmicas da realidade, sob a argúcia da experiência individual de quem os criou. Possibilitavam dar conta de registros inusitados e das imagens variadas, antes, durante e depois da realização das práticas errantes. Os raciocínios imaginativos foram exercidos através dos traços mnemônicos inscritos nas páginas, que enfatizavam as diferenças e, assim, permitiam que surgisse uma inteligência diagramática sobre a cultura do espaço. Ideias que serviriam, então, para compor projetos abertos a uma linguagem em movimento, de modo a superar os hábitos, os clichês e os estereótipos (MONTANER, 2017, p. 12).

Os diários de diagramas tendem a instigar as visões críticas sobre o estado de coisas nos espaços moventes das conformações urbanas contemporâneas. Primam por uma emancipação do aluno em relação às práticas do copista, não exigindo sua negação, mas, uma assimilação do nosso presente cambiante, na busca por novos instrumentos conceituais, que sejam menos formais e abram as possibilidades de pensar como pode ser o futuro. Então, a sua realização é a base para um ateliê que não se pautar mais por programas arquitetônicos ou, o feito de planos baseados em modelos de urbanização. Buscam meios que possam favorecer o surgimento de ideogramas, como antevisões do projeto, feitas de improviso durante as práticas errantes e, não necessariamente nessa ordem, alguns testes com maquetes abstratas, que não se convencionem ao estatuto de standards, servindo mais para suscitar um processo experimental sobre ele (MORALES, 2010, p. 52).

Assim, as experiências que realizamos supunham que o aluno fosse o protagonista, ou melhor dizendo, o responsável por construir o seu repertório a partir da cidade como um palco de criação. Houve liberdade para que o estudante fizesse seus próprios

³A Ementa da disciplina de Projeto de Arquitetura III está assim definida: Projetos da edificação em áreas centrais da cidade. Programas de uso público que reflitam a vivência do homem em sociedade. Desenvolver a capacidade de elaborar respostas rápidas a nível de estudo preliminar, a partir de problemáticas previamente escolhidas.

Figura 3: Fotograma das práticas errantes no ensino de projeto na comunidade do Morro da Caixa, em Florianópolis-SC. Fonte: Autor, 2019.

trajetos, inclusive desacompanhados, elegendo suas próprias áreas de intelecção e intervenção. Logo, tínhamos como pressuposto, aguçar os sentidos para a procura dos índices sócio espaciais, que suscitassem uma livre apropriação e experimentação do espaço. Assim, houve algumas leituras sugeridas para trazer à tona um “olhar estrangeiro” (SIMMEL, 1983, p. 185), para que as práticas errantes não fossem tornadas meros passeios por regiões turísticas – o que, em alguns casos, também aconteceu. Entretanto, uma grande parte dos estudantes optou por fugir à regra, buscando ver, na medida do possível, para além da imagem corriqueira da cidade (FIORIN, 2020).

Sendo assim, entendemos que as práticas errantes poderiam ser aplicadas em outras disciplinas, de semestres subsequentes, justamente para testar sua validade em alunos com senso de maturidade mais acurado. Além disso, maior discernimento crítico sobre a realidade devia ser requerido e instigado. Logo, a disciplina de Projeto de Arquitetura, alocada quase na metade da matriz curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, foi a escolhida para uma nova avaliação das práticas errantes como metodologia de ensino e aprendizagem.³



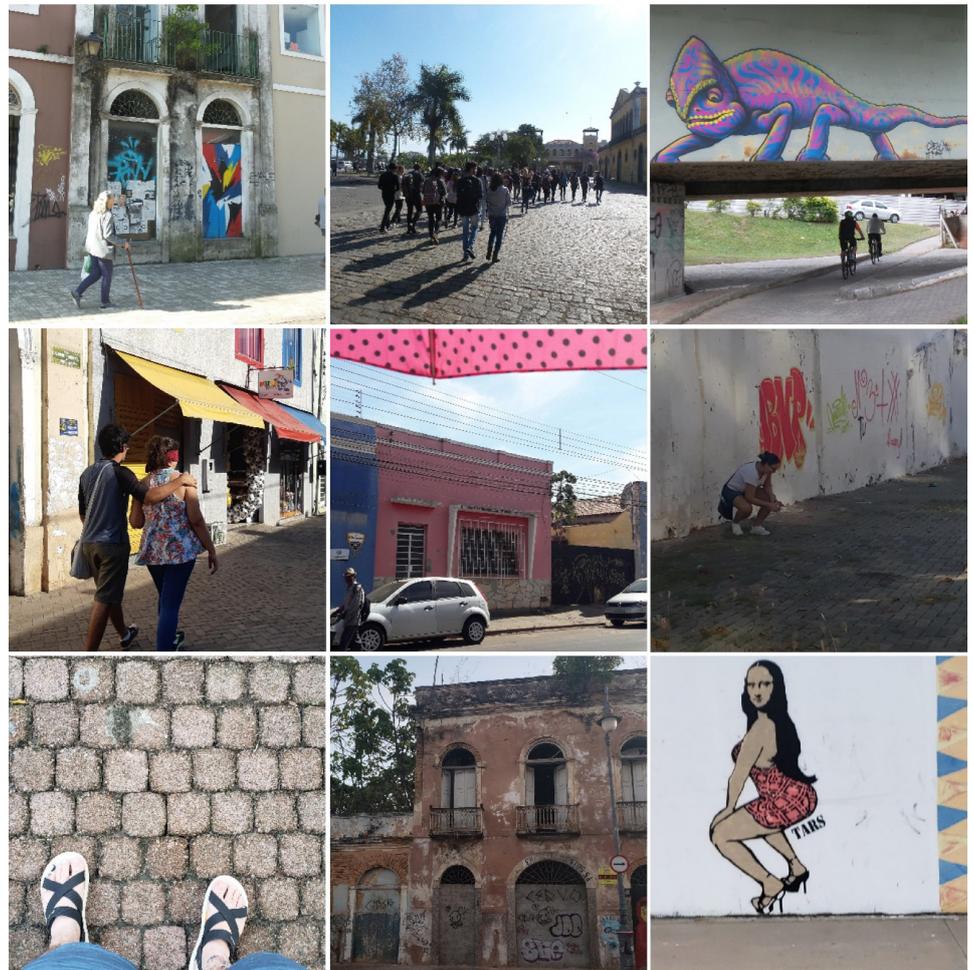
⁴Por iniciativa do Instituto Padre Wilson Groh, na laje do 1º. Reservatório de Água de Florianópolis (1910), que ainda abastece os bairros do centro e suas cercanias, foi construída a Praça Monte Serrat, em uma parceria público-privada entre a CASAN – Companhia Catarinense de Águas e Saneamento e a WOA Empreendimentos.

⁵Conversamos com muitas pessoas na comunidade para ouvir os anseios para o lugar.

Figura 4: Fotograma das práticas errantes na pesquisa de lugares à margem em Florianópolis-SC, Cuiabá-MT e Maceió-AL, respectivamente. Fonte: Grupo de Pesquisa Projeto, Patrimônio, Percepção e Paisagem (liderado pelo Autor), 2019.

Nessa oportunidade, propusemos ir ao encontro de zonas de intensa descodificação na cidade de Florianópolis. Realizamos uma primeira deambulação pelas áreas centrais deterioradas. Depois, uma deriva que nos levou até o maciço do Morro da Cruz, ainda no centro da cidade. O caminhar como prática estética nos transportou até o Morro da Caixa. Por entre os grafites e casebres desbravamos as ruelas dessa comunidade, até nos deparamos com uma praça. Os 12 estudantes, um estagiário e o professor tornaram a aula, em uma conversa com a população carente que frequentava a nova Praça Monte Serrat.⁴

Apesar de existir uma ementa e um plano de aulas para a referida disciplina, não havia um programa projetual definido e, portanto, fizemos outras visitas ao local, contatamos líderes comunitários e acionamos a Associação de Bairro para que pudessem sugerir demandas projetuais. Por conta da demora em receber qualquer pedido, substituímos o diário de diagramas por uma grande folha de papel estendida no chão, convidando os “outros” a desenhar conosco, nessa praça. Nesta interação percebemos que faltava uma sombra e, assim, foram se desdobrando pensamentos diagramáticos para um pequeno pavilhão ou cobertura, que pudesse abrigar os desejos dos frequentadores do lugar ou, daqueles que encontrássemos no meio da rua.⁵



Um de nossos orientandos do mestrado fez estágio docência na ocasião da oferta dessa mesma disciplina. Sem grandes intenções, os debates durante o Ateliê de Projeto e as conversas entre todos os estudantes (em seus diferentes níveis de formação) e os passantes pela praça dessa comunidade, se transformaram em um continuum das aulas na pós-graduação e das reuniões do grupo de pesquisa. De alguma maneira, estávamos ali, no Morro da Caixa, ao lado do antigo reservatório de água, com uma belíssima vista para a Baía Sul de Florianópolis, praticando uma indissociabilidade dos três pilares que dão suporte à universidade pública – uma “pesquisa-ação” (THIOLLENT, 2008).

Desta forma, a disciplina de *Percepção e Representação da Cidade, da Paisagem e do Território*, que ministrados nos cursos de pós-graduação em que atuamos, procura ir ao encontro da cidade, estudando as principais narrativas errantes para constituir um saber que possa, em efetivo, colocá-las em prática. Assim, estimulamos que sejam realizadas pelos alunos da pós-graduação nos levantamentos e análises e, especialmente, àqueles membros ligados ao *Grupo de Pesquisa de Projeto, Patrimônio Percepção e Paisagem*, de modo que possamos, então, vivenciar os espaços urbanos em sua plenitude, junto com os seus “outros” habitantes. Uma ideia que suscita um olhar poético, mas, também, político sobre o fazer científico, atento ao trabalho acadêmico que devemos cumprir para dar um retorno à sociedade do conhecimento que se produz na Academia, ainda que, mais aberto às multiplicidades que possam surgir pelo caminho, precavendo, inclusive o seu “desvio” (BAUDRILLARD, 1996, p. 69).

Nesse sentido, é certo que o arquiteto nunca é o dono dos projetos que produz. E todos eles estão fadados ao descaminho, na medida em que o usuário passa a se apropriar dos espaços projetados. Assim, as práticas errantes como estratégias metodológicas, também podem ser hábeis em fazer-ver àqueles lugares à margem, nas bordas ou, nos *intermezzos* das novas conformações urbanas contemporâneas. Caminhando vamos ao encontro dos espaços que sequer foram pensados no papel ou fugiram totalmente do nosso controle, tais como: os antigos leitos férreos; os centros históricos e áreas portuárias deterioradas; os baixios de pontes e viadutos; as comunidades controladas nos morros; as arquiteturas abandonadas, dentre outros. Todos têm como essência, evocar os sentidos mais provocativos, trazendo à baila a ambiguidade, as contradições, ou uma total perplexidade. Sendo assim, as pesquisas que orientamos em algumas cidades e capitais brasileiras de outros estados, se pautam pela atualização da deriva, como um dispositivo para diagramar esses lugares de transgressão (DORAN, 2001, p. 82).

Um percurso que é sempre redesenhado pelas experiências dos pés de quem caminha por entre as diversas conformações urbanas, paisagens e territórios em movimento das nossas cidades e que, pode ser estimulado desde cedo. Justamente por este motivo, o projeto de extensão: *Pequenos Arquitetos: experiências lúdico-construtivas na cidade*, tem se mostrado um potente instrumento catalizador das práticas errantes voltadas para as crianças de 06 a 10 anos de idade, no centro histórico de Florianópolis. Consiste em uma caminhada curta pelos principais marcos do núcleo central. Todavia é um trajeto que também proporciona um encontro com diversos habitantes, como moradores em situação de rua, grafiteiros, mendicantes, além de ambulantes, dentre outros. Depois da deambulação, uma oficina de desenho é realizada em um centro cultural. Muitas dessas crianças inscritas, nunca saíram desacompanhadas dos pais e,

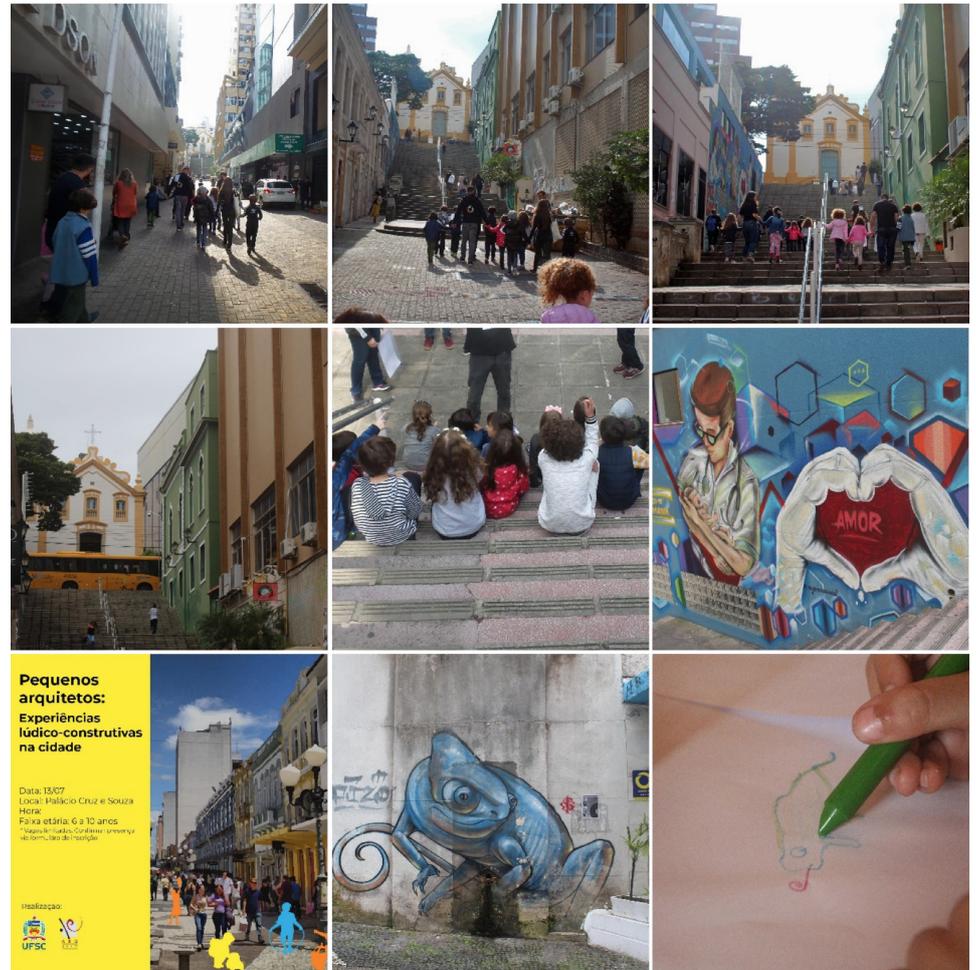


Figura 5: Fotograma das práticas errantes no projeto de extensão: “Pequenos Arquitetos” em Florianópolis-SC. Fonte: Autor, 2019.

agora, o fazem seguidos de estudantes de graduação, pós-graduação e professores de arquitetura e urbanismo, em uma espécie de reconquista do direito de perambular pela cidade (PROJETO, 2019).

Sendo assim, diante dos resultados obtidos até o momento no ensino, na pesquisa e na extensão, entendemos que as práticas errantes podem abrir um mundo de discussões para a compreensão das transformações mais recentes na cidade e, fundamentalmente, um novo olhar para os “outros”. Isto porque, ao debatermos sobre a problematização do processo de ensino aprendizagem em arquitetura e urbanismo e nos depararmos com a crescente escalada do ensino à distância, vemos como necessidade, ampliar nossas experiências urbanas para que, assim, possamos suscitar mais vivências espaciais e o maior contato com a cidade e seus cidadãos.

Creemos ser importante que, nesse momento, tenhamos docentes e discentes engajados na busca por outras alternativas para que a realidade dos cidadãos e os seus desejos possam vir à tona, afim de serem captados ou, melhor compreendidos e colocados em prática por meio de projeções diagramáticas, especialmente, diante das mudanças do nosso tempo, das novas agendas e do respeito a todo tipo de alteridades.

E, portanto, se no ensino, na pesquisa e na extensão somos todos nômades, queremos acionar um projeto de restauração do ofício do arquiteto. Tendo em mente o seu papel de tradutor dos anseios da população no espaço da cidade, indo até onde os “outros” estejam. Buscando uma renovação do contrato social e trabalhando com valores mais humanos e, não, universais. Considerando um olhar poético, mas, dando uma maior liberdade criativa, ao convidar o Outro para cooperar junto com cada projeto. Mantendo, assim, um compromisso político, mesmo sabendo que, as decisões entre os desenhos e desígnios se bifurcam (GUATTARI, 1996, p. 300).

Algumas Considerações para um (re) conhecimento urbano

O Movimento Moderno no Brasil teve inúmeras vertentes, com distintas elaborações, muitas delas capazes de promover um feliz encontro entre os mais diferentes traços da cultura local com a modernidade. Mesmo assim, a cidade ordenada pelo planejamento modernista, já não pode mais ser pensada como no passado. O projeto com desenho universal, que ia em busca de um homem padrão, satisfazendo os anseios daqueles que defendiam os antigos modelos de acumulação, trouxe consigo sua necessidade de superação. Há, assim, uma urgência em reavaliar esses princípios, na direção de um reencontro do homem com um projeto mais sensível ao lugar, com maior respeito ao meio ambiente e às pessoas, em um novo entendimento “bio-histórico” e existencial da arquitetura (PALLASMA, 2018, p. 09).

Nesse sentido, temos como nosso desafio a suplantação desta fase para que possamos pensar os novos projetos, mais aptos a respeitarem as condicionantes ambientais. Essa preocupação ecológica deve fomentar uma re-utilização de meios de representação de projeto e a realização de construções que não sejam prejudiciais à biodiversidade. Deve haver preocupação com a implantação de qualquer novo edifício ou ocupação das áreas de Preservação Permanente e de Reserva Legal, em conformidade com a Lei Nº 12.651, de 25 de maio de 2012, bem como, a discussão e atualização constante, dos melhores modos de aproveitamento dos recursos disponíveis e dos materiais descartados. Com o intuito da instauração de uma estética do reaproveitamento, de maneira que “a forma siga a evolução” (MCDONOUGH, 2013, p. 107).

Entretanto, essas condicionantes não devem ser uma camisa de força, inviabilizando o teste de materiais e o emprego das novas tecnologias. Aliás, uma avaliação crítica das novas formas de comunicação, deve ser agora considerada no ensino, na pesquisa e na extensão. A utilização de aparelhos com dados móveis é bastante comum entre os nossos estudantes e poderia ser, também, se analiticamente incrementada, uma nova ferramenta importante; isso, sem que o enquadramento da tela viesse a substituir uma experiência de realidade. O livre acesso à informação, inclusive, abre portas para um raciocínio muito mais consciente sobre as nossas ações. Neste plano, a despeito das práticas errantes, a esperteza da navegação na internet, também suscita nomadismos. Entretanto, é preciso que os processos de ensino e aprendizagem de projeto e a própria prática da arquitetura e urbanismo estimulem possibilidades e estratégias que, de fato, formulem ganhos no ambiente digital entre graduandos, pós-graduandos e profissionais, em um novo compasso com a virtualização (MITCHELL, 2001, p. 91).

Um raciocínio em rede implica assimilar uma nova condição que já está colocada para a cultura contemporânea. Isso porque, não podemos mais pensar em um local,

sem que este tenha uma relação com outro. As pessoas estão interconectadas entre si, mas, ao mesmo tempo, distantes; sempre migrando, por diferentes motivos, num mar-sem-fim de desterritorializações e novas territorializações. Diante dessa ideia, o sentido clássico de espaço vai sendo sobreposto à nova geografia mestiça, cuja fisionomia fragmentária e provisória, confunde cidade-paisagem-território. Sendo assim, uma aproximação entre arquitetura e natureza, realidade e virtualização, numa miscigenação de culturas – que deve incluir: diversidade de gênero, de classes sociais e diferentes etnias –, solicita que estejamos preparados para uma nova transversalidade do conhecimento, abarcando a inclusão, a equidade e um senso de hibridização (CANCLINI, 2003, p. 20).

Desse novo ponto de vista, as práticas errantes, em sua concepção mais multicultural, como estratégias metodológicas para o processo de ensino e aprendizagem nos cursos de graduação e pós-graduação, bem como, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo, podem ser um meio de atualização desse sentido existencial, que nos permita novas possibilidades poéticas, chances de participação social e vivência política nas mais diversas ambiências. *Modus operandi* que privilegie as experiências e possa relevar uma inteligência diagramática, agora mais hábil em respeitar as alteridades e contribuir para uma cognição e projeção desse outro espaço plural – agasalhando os seus múltiplos significados. Um diagrama esgarçado, onde o pensamento nômade, a indisciplina projetual e o nomadismo científico deverão ser sempre estimulados, assim como, novos modos de percepção, interrogação e de atuação urbana, preconizando o (re) conhecimento como a chave para sua ação (GAUSA, 2010, p. 33).

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, F. B. Fragmentos de uma guerra surda – interpretações à palavra experiência. In: RIBEIRO, A. C. T.; VAZ, L. F.; SILVA, M. L. da. *Leituras da Cidade*. Rio de Janeiro: Letra Capital/ ANPUR, 2012, p. 43-47.
- BAUDRILLARD, J. A Violência do Objeto. *Revista AU*, 64, fev./mar., 1996.
- BENJAMIN, W. (1921). A tarefa do tradutor. In: GAGNEBIN, J. M. (org.). *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2011, pp. 101-119.
- CACCIARI, M. *A Cidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010, p. 52.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013a.
- _____. *Walkscapes ten years later*. In: CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013b, pp. 169-174.
- _____. *Caminhar como Arte Cívica*. *Derive Lab*. 2015. Disponível em: <<http://derivelab.org/caminhar-como-arte-civica/>>. Acesso em: 10 maio 2020.
- _____. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- COSTA, X. El arquitecto como etnógrafo. In: GAUSA, M.; DEVESA, R. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: G. Gili, 2010, pp. 37-40, p. 38.
- DÉBORD, G. Teoria da Deriva. *Revista Internacional Situacionista*, 02, dez., 1958.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, V. 05. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DOMINGUES, A. *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne, 2009.
- DORAN, G. M. A Global Dérive. *Architecture Design*, vol. 71, no. 03, jun. 2001, pp. 82-87.
- DOS ANJOS, M. As ruas e as bobagens: anotações sobre o delirium ambulatorium de Hélio Oiticica. *ARS* (São Paulo), 10(20), 2012, 22-41. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2012.64418>>. Acesso em: 21 maio 2019.
- FIORIN, E. O Projeto para o Pavilhão Brasileiro na Expo' 92 em Sevilha e a chamada "Arquitetura Paulista". *Revista Proyecto, Progreso, Arquitectura*, no. 07, nov., 2012, pp. 122-133.
- _____. Áreas urbanas marginais e projetos experimentais: subjetividades subalternas e suas territorialidades em cidades do noroeste de São Paulo. *Oculum Ensaios*, 14(3), set./ dez., 2017, pp. 481-500. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/37110/2537>>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- _____. *Cidades do Noroeste Paulista: patrimônio e marginalidade nos antigos leitos férreos*. Tupã-São Paulo: ANAP, 2018.
- _____. *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos: processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos*. São Paulo, ANAP, 2020.
- _____. Florianópolis: debaixo da ponte, em cima do morro e no muro da rua – entre grafites e lugares à margem. *Oculum Ensaios*, 18, e214807, 2021, pp. 01-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.24220/2318-0919v18e2021a4807>>. Acesso em 12 ago. 2021.
- FIORIN, E.; HIRAO, H. (org.). *Cartografias da Cidade*. São Paulo: ANAP, 2019.
- FIORIN, E.; SCHWERZ, J. P. A ponte, a torre e o muro. O processo de ensino-aprendizagem de projeto em suas diversas escalas na Ilha de Santa Catarina. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 243.03, Vitruvius, ago. 2020. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.243/7834>>. Acesso em 12 ago. 2021.
- FERRARA, L. D. Arquitetar com os olhos da mente (Peirce. Collected Papers. 3.556). In: FERRARA, L. D. *Design em Espaços*. São Paulo: Rosari, 2002, 106-115.
- GAUSA, M. Mirada híbrida, mira múltipla, mirada polifocal. In: GAUSA, M.; DEVESA, R. (ed.). *Otra Mirada*. Posiciones contra crónicas. Barcelona: G. Gili, 2010, pp. 31-35.
- GUATTARI, F. A Restauração da Paisagem Urbana. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, Rio de Janeiro, pp. 293-300, 1996.
- HIRAO, H; FIORIN, E. Intervenção parasita para ativação do contexto local. Uma prática pedagógica no Ateliê de Projeto. *Arquitextos*. 2018. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.223/7246>>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- JACQUES, P. B. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LE CORBUSIER. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- MCDONOUGH, W. *Cradle to Cradle: criar e reciclar ilimitadamente*. São Paulo: G. Gili, 2013.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MITCHELL, W. J. *E-Topía: vida urbana, jim, pero no la que nosotros conocemos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- MONTANER, J. M. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

- MORALES, J. Adiós a la Metáfora. Manipulaciones de la realidad. In: GAUSA, M.; DEVESA, R. (ed.). *Otra Mirada*. Posiciones contra crónicas. Barcelona: G. Gili, 2010, pp.51-60.
- PALLASMA, J. *Essências*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PEIRCE, C. S. *Écrits sur le signe*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- PIGNATARI, D. *O que é Comunicação Poética*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PROJETO Pequenos Arquitetos promove percurso com crianças pelo Centro de Florianópolis. ARQSC. 2019. Disponível em: <<https://arqsc.com.br/projeto-pequenos-arquitetos-promove-percurso-com-criancas-pelo-centro-de-florianopolis-inscreva-se-aqui/>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- SANT'ANNA, A. C. Jr. Strada Novissima. *Revista Projeto*, São Paulo, no. 143, jul., 1991, pp. 55-56.
- SANTOS, C. N. F. dos. Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo. In: VELHO, G. (org.). *O Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- SANTOS, D. O. dos; MAGALHÃES, M. L. C. P. de. Le Corbusier voyageur - arquivos de uma experiência arquitetônica. In: *Anais do 9º seminário docomomo brasil* interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília: UnB, 2011. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/161_M24_RM-LeCorbusiervoyageur-ART_daniela_santos.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2008.
- VALÉRY, P. *O Método de Leonardo Da Vinci*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- VELOSO, M.; ELALI, G. A. A Pós-Graduação e a Formação do (Novo) Professor de Projeto de Arquitetura. In: LARA, F.; MARQUES, S. (org.). *Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto*. Rio de Janeiro: EVC, 2003. pp. 94-107.

Recebido [Jul. 25, 2019]

Aprovado [Ago 11, 2021]